

Educação não formal: a diferença entre trabalhar com ela e conhecê-la

Non-formal Education: the difference between working her and know her

Walmíria Lima da Costa

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
wallicos@uft.edu.br

Welington Francisco

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
welington@uft.edu.br

Igor Hernandes Santos Ribeiro

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
iguorr@gmail.com

Marcelo Holanda Vasconcelos

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
holanda.mv@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise a respeito do conhecimento de alguns professores de uma escola da rede pública estadual, sobre os conceitos de espaços não formais de educação e suas potencialidades, após a realização de uma feira de ciências. Observou-se que, apesar da maioria dos professores afirmarem conhecer a definição de educação não formal, pouquíssimos demonstraram entender a amplitude do conceito e de se trabalhar nesses espaços com atividades de forma mais frutífera e produtiva. Esse desconhecimento está muito aliado à formação inicial de cada professor. Conclui-se que é preciso realizar palestras e cursos a respeito da educação não formal como atividades de formação continuada, abarcando suas potencialidades no ensino para que em futuros eventos e projetos, os professores possam planejar pré-atividades que auxiliem e favoreçam debates e discussões antes e posteriores às visitas, para melhorar o aprendizado.

Palavras chave: formação inicial, formação continuada, feira de ciências, espaço não formal.

Abstract

This paper presents an analysis on the knowledge of some teachers, a school of public, about the concepts of spaces non-formal education and its potential, after science fair presentation. We were observed that although most teachers claim to know the definition of non-formal education, but very few teachers demonstrated understand the concept breadth and working

with these spaces with activities more fruitful and productive. This ignorance is allied with the initial education of each teacher. We conclude that it is necessary to conduct lectures and courses about non-formal education like continuing education's activities, embracing their potential in teaching so that in future events and projects, teachers can pre-planning activities that assist and encourage debates and discussions that will trade subsequent visits to enhance learning.

Key words: initial education, continuing education, science fair, non-formal space

Introdução

Um dos principais objetivos do ensino de ciências é promover o desenvolvimento de postura reflexiva, crítica, questionadora e investigativa (MARTINS; USTRA, 2013), além de fornecer ao aluno uma visão fundamentada das teorias que explicam, principalmente, os fenômenos da natureza. Segundo Dornfeld e Maltoni (2011), mais do que promover a aprendizagem, o objetivo do ensino de ciências é possibilitar uma mudança de posição do aluno em relação ao conhecimento científico. Mudança essa para uma postura de conhecimento mais amplo, relacionando os conceitos científicos com as relações do dia a dia e sua respectiva importância. Assim, tem-se que o ensino de ciências é de fundamental importância para a criação de um olhar crítico do aluno com relação ao cotidiano, não podendo ater-se somente ao contexto escolar.

Atualmente, quando se fala em educação, os documentos oficiais trazem como estratégias metodológicas o uso da interdisciplinaridade e da contextualização do ensino (BRASIL, 2000), uma vez que essas abordagens têm o objetivo de despertar maior interesse do aluno pelo aprendizado, além de inserir muitas relações que permitam mostrar a importância e os porquês do que está sendo estudado. Quando se trata do ensino de ciências, a contextualização é um fator crucial no ensino, uma vez que as descobertas científicas partiram sempre do macroscópico para o microscópico, de acordo com a época vivida. Segundo Lima e colaboradores (2010), a contextualização facilita o processo de ensino-aprendizagem e quando usada como recurso pedagógico contribui para a construção de conhecimento e formação de capacidades intelectuais superiores. Uma maneira de contextualizar o ensino de ciências é desenvolver atividades em lugares mais atrativos e descontraídos para os estudantes, que permitam a aprendizagem dos conceitos científicos. Tais ambientes são denominados de espaços não formais de educação e são caracterizados por estarem fora dos âmbitos escolares, possuindo aportes mais lúdicos, culturais e artísticos (SOUZA, 2013).

De acordo com Gohn (2006):

Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizados os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se, portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica. Visa à formação integral dos indivíduos. Neste sentido tem um caráter humanista. (Gohn, 2006, p. 31).

Salutar a importância da utilização de espaços não formais para divulgar a ciência e promover

atividades diferenciadas, ensejando um processo de aprendizagem mais eficaz e crítico dos estudantes passa a ser uma realidade emergente no ensino de ciências. Assim sendo, este trabalho objetivou-se analisar as ideias que os professores e professoras participantes da 1º Feira de Ciências Temática de Química e Meio Ambiente (FTQuiMA) possuem a respeito dos seguintes pontos: conhecimento e potencialidades de um espaço não formal de educação; papel das feiras de ciências como meio para a aprendizagem; o uso desses espaços pela escola; e o uso de espaços não formais para desenvolver atividades que possam propiciar uma aprendizagem mais profícua.

O ambiente e o método da pesquisa

A presente pesquisa foi elaborada após a apresentação da 1º FTQuiMA, realizada no município de Gurupi – TO pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), com parceria da Escola Estadual Presidente Costa e Silva (EEPCS), que atende o ciclo II do ensino fundamental. A realização do evento foi financiada pelo CNPq. A feira de ciências teve como foco a temática de preservação do meio ambiente, sendo todos os projetos desenvolvidos pelos estudantes da escola (24 ao total) voltados nessa temática. Participaram da feira estudantes do quinto até o nono ano e durante a realização houve a visita de quatro escolas da cidade, sendo três públicas (Educandário Evangélico Ebenézer, Escola Estadual Vila Guaracy e Escola Municipal José Pereira da Cruz) e uma particular (Colégio Objetivo). Além dos projetos realizados pelos estudantes da EEPCS, acadêmicos e acadêmicas da UFT elaboraram e expuseram diversas experiências que exploravam os conceitos químicos.

Para a coleta e análise dos dados, optou-se em se trabalhar com entrevistas semi-estruturadas com os professores e professoras partícipes (9) do evento como orientadores dos projetos dos alunos e com a coordenadora. Foram elaboradas previamente cinco perguntas para a entrevista, sendo que estas tiveram duração de cinco a dez minutos. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra para sua análise. Os nomes dos professores e da coordenadora serão representados pelas letras **A, B, C, D** até **J**.

1. *Qual sua área e tempo de atuação?*
2. *Você conhece espaços não formais de educação? Conseguiria explicar a sua funcionalidade?*
3. *Você já trabalhou em algum projeto relacionado à educação não formal? Se sim, qual? Relate sua experiência.*
4. *A escola está sempre aberta à realização de eventos não formais para apoio a aprendizagem?*
5. *A escola conhece espaços não formais de educação existentes em Gurupi ou na região? Ela está aberta a realização de visitas nesses locais?*

Tal pesquisa está alicerçada nos referenciais de pesquisas qualitativas (PQ), que se tornou uma das possibilidades em se estudar fenômenos e relações que envolvam os seres humanos e suas diversas interações com os meios sociais. Segundo esta perspectiva, o ambiente em que ocorrem as interações é fundamental para melhor compreender os resultados obtidos e tecer discussões e conclusões mais adequadas. Nesse sentido, a participação dos professores na feira de ciências concretiza o ambiente dessas interações.

Ademais, a PQ está relacionada com a obtenção de dados descritivos compilados com o contato direto e interativo entre o objeto de estudo e o pesquisador. Neves (1996) aponta que nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura entender os fenômenos de acordo com a

visão dos participantes da situação estudada (no caso, os professores) e, a partir daí, situar a interpretação dos fenômenos estudados. Godoy (1995) destaca que as principais características desta pesquisa são o ambiente do projeto como fonte de dados (feira de ciências), o caráter descritivo das atividades e a participação direta dos integrantes e suas respectivas interpretações (visão dos professores e da coordenadora) e o enfoque mais indutivo dos resultados (entrevista).

Resultados e discussão

Na tabela a seguir está relacionado o tempo de atuação, a área de cada professor entrevistado e se eles conhecem o termo espaço não formal de educação:

Professor	Tempo de atuação	Área de atuação	Conhece o termo
A	Cinco anos	Matemática	Não
B	Dez anos	Pedagogia	Sim
C	Um ano e meio	Português e Inglês	Não
D	Um ano e meio	Geografia	Sim
E	Sete anos	Educação Física	Sim
F	Cinco anos	Português	Sim
G	Três anos e meio	Geografia e História	Não
H	Vinte e oito anos	Biologia	Sim
I	Doze anos	Geografia	Sim
J	Vinte anos	Pedagogia	Sim

Tabela 1: Informações relacionadas com as duas primeiras perguntas da entrevista.

De acordo com as informações dispostas acima, observa-se que apenas três, dos dez entrevistados, afirmam não conhecer o termo educação não formal. No entanto, ao analisar as respostas da segunda pergunta percebe-se que poucos professores conhecem realmente o que significa espaço não formal de educação, apesar de afirmarem que sabem. Isso pode ser observado, por exemplo, na resposta do professor E:

“Sim, conheço vários espaços não formais de educação, inclusive a educação física tem essa funcionalidade também de trabalhar esses espaços, né?, como projetos, interdisciplinaridade; então a educação física tem essa proximidade muito grande.”

A professora C, por sua vez, afirma:

“Eu acredito que seja estimular... a participação dos alunos, o envolvimento deles com a aprendizagem, de uma forma mais, assim, mais palpável. Igual à feira de ciências, eles vão trabalhar os assuntos igual biológico, com química, física, de uma forma palpável que num vai ficar só na teoria. Eu acredito que vai estimular eles?”

Em contrapartida, três professores demonstraram conhecer de fato o conceito de educação não formal, e conseqüentemente seu papel no ensino. Como exemplo, têm-se os trechos retirados da entrevista:

“Espaços não formais seriam locais que não sejam só a sala de aula... Ai seria a utilização... de outros espaços fora da sala de aula pro aprendizado. A gente pode citar, tivemos até um, é, a questão da aula campo... Fiz até uma aula campo com uns alunos meus, é, tem a questão

também cinema, de utilizar é, esses espaços pra poder... aumentar o aprendizado.”
(Professora D)

“Acredito que os espaços não formais da educação é todo o espaço ambiental, a sociedade em si; e a funcionalidade é que ele complementa a formação do educando quando associado a teoria; a exploração desse espaço pra introdução de aulas, pra interação do conteúdo.”
(Professora F)

O desconhecimento do termo espaços não formais de educação pelos professores e professoras está muito aliado com a própria formação inicial de alguns deles. Isso pode ser observado nos seguintes trechos:

“Não, só na faculdade, mas foi, é, não projetos assim direto, só elaboração de projetos, mas não teve a, a execução.” (Professora D)

“Não. Não... Sempre assim... a gente trabalha mesmo com tudo voltado pra sala de aula, nunca pensamos em direcionar.” (Professora B).

De acordo com a maioria das respostas, poucos professores estudaram sobre o assunto nas universidades ou em cursos de formação continuada em outros locais. Segundo Jacobucci, Jacobucci e Megid Neto (2009, p. 119), “a literatura na área de formação de professores em espaços não formais de educação ainda é muito escassa no país, com relatos isolados de atividades em um ou outro centro ou museu de ciências”. Isso mostra que essa deficiência dos professores não é pontual do estado, mas um agravante no país inteiro.

No entanto, observou-se que alguns professores tiveram acesso aos referenciais de espaços não formais de educação e suas potencialidades na sua formação inicial e apontaram que a própria escola participou e participa de alguns projetos nesta linha. Isso reforça o desconhecimento dos demais professores sobre educação não formal e suas possibilidades de aplicação no ensino. Por exemplo, a professora I afirma que a escola já realizou visitas ao espaço do SESI, e apesar de todos os professores trabalharem em conjunto na mesma escola há pelo menos um ano, alguns parecem desconhecer este fato. Dos dez participantes da entrevista, cinco afirmaram já ter trabalhado com outros projetos de educação não formal, e cinco afirmaram nunca ter trabalhado com tais metodologias de ensino. Nos trechos a seguir podem ser vistos relatos de alguns projetos executados na escola:

“...eu trabalhei esse ano a respeito de jogos matemáticos, como que a lógica matemática funciona nos jogos.” (Professora A, falando a respeito de projetos envolvendo computadores realizados na escola).

“...Os meninos vão fazer vídeos sobre a escola, como se fosse, ai, é, são cinco grupos que vão fazer vídeos sobre vários temas da... vários temas da escola, como a fanfarra, a nova direção, a feira de ciências, tem um vídeo sobre a feira de ciências, ai vai juntar tudo pra fazer uma mini reportagem, é, são dois temas que eu trabalho na sala de aula, que é notícia e reportagem, ai vai fazer os vídeos como se fosse notícias e reunir e fazer a reportagem sobre a escola...” (Professora C)

“Trabalhei com o projeto também financiado pelo CNPq, a produção de textos sobre a cidade onde os alunos visavam divulgar os espaços turísticos da cidade, então produziam se textos e se divulgava. Pra isso teve que fazer a visita a esses locais e a produ... recolhimento de materiais, de dados pra formalizar em forma de texto.” (Professora F)

Tais resultados convergem para que Gohn (2006) ressalta em seu trabalho, onde a autora aponta que ainda falta uma formação específica para professores sobre o papel da educação não formal e como propor atividades que reiterem essa metodologia. Garcia, Fazio & Panizzon (2011) reforçam as palavras de Gohn, afirmando que o cenário onde ocorre a

formação inicial de professores é relativamente controverso em relação à possibilidade de utilização dos espaços não formais durante a graduação para explorar atividades diferenciadas.

Com relação à quarta pergunta, todos os participantes da entrevista afirmaram que a escola está sempre aberta para novos projetos ou estudos, dentro ou fora dos espaços formais de educação, dando como exemplo parcerias com a Universidade de Gurupi (Unirg), Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e a própria Universidade Federal do Tocantins (UFT). Além disso, 90% dos entrevistados afirmaram que a escola conhece espaços não formais de educação existentes em Gurupi, e 70% afirmaram que a escola faz uso desses espaços.

Considerações finais e perspectivas futuras

Apesar dos professores afirmarem conhecer espaços não formais de educação, pouquíssimos entendem seu papel e suas potencialidades para o ensino. Observou-se que, embora os professores trabalhem constantemente com atividades de espaço não formal na escola, muitos deles não tiveram uma formação inicial que explorassem os conceitos e as potencialidades de se utilizar espaços não formais de educação para propor atividades que permitam uma aprendizagem mais frutífera para os alunos.

Esta falta de conhecimento faz com que as visitas que a escola realiza continuem sendo de mera exposição, sem um pré-planejamento de atividades e uma pós-discussão em sala de aula. Nesse sentido, acredita-se que a falta de conhecimento sobre o conceito e a função dos espaços não formais, limita-os a desenvolver atividades que possam auxiliar e favorecer a aprendizagem dos alunos e a interação mais ativa nesses espaços. Assim, investir na formação continuada desses professores, explorando os conceitos e as potencialidades de espaços não formais de educação faz-se necessário, uma vez que a escola utiliza de vários espaços não formais da cidade mediante projetos dispostos no projeto político pedagógico. É nessa perspectiva, que se pretende desenvolver um curso de formação continuada com os professores da escola, para aflorar tais referenciais e prover conhecimentos para que em futuros eventos e projetos, os professores possam planejar atividades que auxiliem e favorecem debates e discussões para melhorar o aprendizado dos estudantes.

Agradecimentos e apoios

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ pelo apoio financeiro e a oportunidade de desenvolvimento do trabalho.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2000.
- DORNFELD, C. B.; MALTONI, K. L. A feira de ciências como auxílio para a formação inicial de professores de ciências e biologia. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 5, n. 2, p. 42-58, 2011.
- GARCIA, P. S.; FAZIO, X.; PANIZZON, D. Formação inicial de professores de ciências na Austrália, Brasil e Canadá: uma análise exploratória. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2011.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Avaliação Política Educacional**, v.14, n. 50, p. 27-38, 2006.

JACOBUCCI, D. F. C.; JACOBUCCI, G. B.; MEGID NETO, J. Experiências de Formação de Professores em Centros e Museus de Ciências no Brasil. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 1, p. 118-136, 2009.

LIMA E. P.; ARRUDA, A. P. F.; et al. A importância da contextualização no ensino de ciências: análise de concepções de professores. In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10, 2010, Recife. **Anais...** Recife, 2010.

MARTINS, N. F.; USTRA, S. R. V. Contextualização de uma feira de ciências e suas contribuições para a educação científica. Disponível em: <revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/download/1407/808>. Acesso em: 26 de mar. de 2013.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

SOUZA, C. R. T. A educação não formal e a escola aberta. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/444_356.pdf>. Acesso em: 26 de mar. de 2013.